

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

## *Psicologia Social e interfaces na migração: diáspora digital e práticas comunitárias de migrantes no Brasil*

*Social Psychology and interfaces in migration: digital diaspora and community practices of migrants in Brazil*

**Brunno Ewerton<sup>1</sup>**

**Júlia Lyra<sup>2</sup>**

**Mohammed Elhajji<sup>3</sup>**

**Catalina Revollo Pardo<sup>4</sup>**

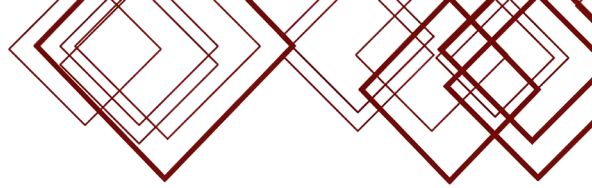
**Resumo:** Este trabalho visa compreender os sentidos comunitários atribuídos por um grupo de migrantes africanos(as), atuantes como produtores(as) de conteúdo no Brasil, aos usos que fazem de seus perfis nas redes sociais. A investigação esteve baseada na Análise Crítica do Discurso, com um conjunto de seis entrevistas semiestruturadas

1 Psicólogo, doutorando e mestre no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP/UFRJ). Docente do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP/UERJ). Pesquisador bolsista CAPES, pesquisador do Grupo de Pesquisa em Migrações Transnacionais e Comunicação Intercultural (DIASPOTICS/CNPq-UFRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6530-8290> E-mail: [brunnoewerton1@gmail.com](mailto:brunnoewerton1@gmail.com)

2 Doutoranda em Comunicação e Cultura (UFRJ). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE) e graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma instituição. Pesquisadora DIASPOTICS/CNPq-UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8493-3921> E-mail: [juulialyra@gmail.com](mailto:juulialyra@gmail.com)

3 Professor Titular da UFRJ. Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Pós-doutorado pela UNISINOS (Mídia e Migrações). Professor nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (POS-ECO/UFRJ) e Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/UFRJ). Coordenador geral do DIASPOTICS/CNPq-UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8699-8200> E-mail: [mohahajji@gmail.com](mailto:mohahajji@gmail.com)

4 Professora do IP/UFRJ. Professora do PPG-EICOS/UFRJ. Doutora e pós-doutorado em Psicossociologia (EICOS/UFRJ). Vice coordenadora do DIASPOTICS/CNPq-UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1469-4456> E-mail: [carevollo@gmail.com](mailto:carevollo@gmail.com)



concedidas pelos participantes. Identificamos que tal atuação se insere em uma disputa simbólica pertinente à construção identitária e às possibilidades de resistência de migrantes racializados frente a uma conjuntura excludente. Nesse sentido, as estratégias de enunciação da experiência e de organização comunitária on-line, por meio da mobilização de parcerias e perfis compartilhados, buscam se contrapor às estruturas de discriminação que os acometem e, ao mesmo tempo, afirmar um sentido de pertencimento comum.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Psicologia Intercultural; Comunicação Intercultural; Migrações Transnacionais; Plataformas Digitais.

**Abstract:** This study aims to understand the community meanings attributed by a group of African migrants, who act as content producers in Brazil, to the uses they make of their profiles on social media. The research was based on Critical Discourse Analysis, with a set of six semi-structured interviews given by the participants. We identified that such action is part of a symbolic dispute pertinent to the construction of identity and the possibilities of resistance of racialized migrants in the face of an exclusionary situation. In this sense, the strategies of enunciation of experience and online community organization, through the mobilization of partnerships and shared profiles, seek to counter the structures of discrimination that affect them and, at the same time, affirm a sense of common belonging.

**Keywords:** Social Psychology; Intercultural Psychology; Intercultural Communication; Transnational Migration; Digital Platforms.

## Introdução

Segundo dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2022), aproximadamente 15% da população migrante que hoje reside no Brasil é oriunda de países africanos, com destaque para nacionalidades como Nigéria, Senegal, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Para além da dimensão quantitativa, tal movimento adquire relevância simbólica ao evidenciar o crescimento dos fluxos migratórios provenientes de países do Sul Global, sobretudo a partir da década de 2010, que tem o Brasil como lugar de trânsito e/ou destino (ELHAJJI, 2023). Nesse cenário, migrantes racializados têm sido afetados por uma sobreposição de marcadores sociais de exclusão. Como observa Chade (2020), aqueles de origem africana figuram entre os principais alvos de violações de direitos no país, enfrentando obstáculos seme-



lhantes aos vivenciados pela população negra brasileira no que tange ao acesso à cidadania, porém, agravados pela marca da estrangeiridade.

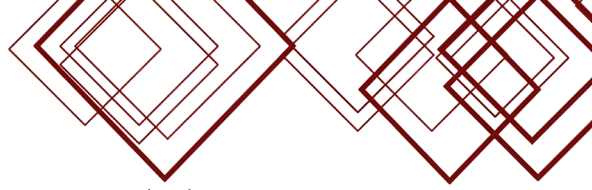
Atualmente, diferentes autores (COGO, 2015; 2019; BRIGNOL, 2021; ÁVILA, 2022; ELHAJJI, 2023; LYRA, 2023; EWERTON et al., 2024), evidenciam que as migrações transnacionais no Brasil não se limitam mais a deslocamentos físicos ou a fronteiras territoriais, mas se articulam também por meio dos dispositivos tecnológicos acessados pelos sujeitos em mobilidade. As plataformas digitais<sup>5</sup>, em especial, as de redes sociais, emergem como territórios existenciais de expressão subjetiva, reformulação identitária e trocas interculturais, em que múltiplos referenciais são compartilhados e negociados.

136 Contraditoriamente, as mesmas mídias que podem servir como pontes de inclusão também reforçam preconceitos. As experiências migrantes, com seus hábitos, projetos, relacionamentos e mecanismos de inserção, passam a ser moldadas pelas mídias, como demonstra a narrativa de um dos participantes:

Sempre falo que só fui entender o que é racismo aqui no Brasil. Quando comecei a discutir isso na internet recebi muito discurso de ódio, mas ao mesmo tempo, foi um local de encontro com outros migrantes e brasileiros que passavam por essas discriminações. A internet na minha experiência foi um local de agressão, mas ao mesmo tempo, possibilitou o encontro de um grupo de pessoas que criei uma rede de apoio (Entrevistado Wole Soyinka, migrante da Nigéria).

A narrativa de do participante ilustra a dualidade da internet. Lugar onde preconceitos já enraizados na sociedade brasileira podem ser potencializados e, ao mesmo tempo, onde a resistência e a organização

5 Adotamos aqui o conceito de Van Dijck (2013) que entende cada plataforma como um microsistema dotado de características particulares, porém cuja interdependência dá origem a uma infraestrutura on-line mais ampla, que é o ecossistema.



coletiva também se fazem presentes. Partindo deste cenário, o presente trabalho tem como objetivo compreender que sentidos comunitários podem ser atrelados aos usos que um grupo de migrantes africanos(as) que atuam como produtores(as) de conteúdo no Brasil fazem de seus perfis nas redes sociais.

Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado de um dos autores Ewerton (2025), cujo objetivo principal era compreender de que maneira os algoritmos das plataformas digitais afetavam a visibilidade dos criadores(as) africanos(as), reproduzindo dinâmicas de xenorracismo (SIVANANDAN, 1976) no ambiente digital. O interesse era, portanto, elucidar como a visibilidade digital desses sujeitos era mediada por padrões coloniais que interseccionam marcadores de raça e nacionalidade, com ênfase nas suas vivências e percepções.

A referida investigação, de abordagem qualitativa de caráter exploratório-descritivo, esteve baseada na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2013) de um conjunto de seis entrevistas feitas com migrantes africanos(as) residentes no país. Para este artigo, buscamos discutir especialmente as estratégias de enfrentamento de viés comunitário, enxergando nelas uma potência de resgate da cidadania, questionamento das exclusões e, ao mesmo tempo, construção de vínculos e solidariedades na diáspora digital.

Neste sentido, esta proposta se justifica pela necessidade de visibilizar as maneiras pelas quais migrantes marginalizados pelas estruturas sociais e midiáticas hegemônicas constroem caminhos discursivos e organizativos alternativos. Tratam-se de narrativas e práticas contestatórias que se materializam no exercício de ampliação de vozes, no compartilhamento de vivências comuns e, por fim, na criação de formas de ação conjunta. Resistências essas que assumem uma carga coletiva na



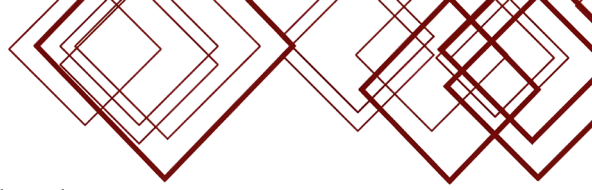
medida em desestabilizam representações estigmatizantes que os acometem enquanto grupo minorizado e, em paralelo, fortalecem redes de apoio cujo alcance tende a extrapolar as telas. A seguir será apresentado o arcabouço teórico que sustenta esta pesquisa.

### **Diáspora Digital, visibilidade e comunidade em disputa**

Debater as formas de organização e resistência comunitárias dos migrantes africanos no meio digital traz para o centro um conceito crucial: diáspora. O termo deriva da palavra grega “  $\pi$  ” que significa dispersão, tendo suas raízes historicamente associadas ao processo de fuga do povo hebreu da Babilônia para o Egito em 586 a.C. (ELHAJJI, 2023). No cenário atual, segundo o supracitado autor, a diáspora digital tem sido amplamente debatida nos estudos migratórios, referindo-se à dispersão e à conexão de comunidades ou grupos étnicos por meio das plataformas digitais, o que desafia as fronteiras tanto geográficas quanto culturais. Na literatura da área, termos correlatos como *e-diaspora*, *diaspora networks*, *digital diaspora* e, no cenário nacional, *webdiáspora*, são adotados desde os anos 1990 (ELHAJJI; ESCUDERO, 2016, p. 22) para dar conta da diversidade de usos e significados que as apropriações tecnológicas feitas por migrantes assumem nesses contextos.

138

Diversas abordagens teóricas exploram como indivíduos e coletividades, ao se estabelecerem em locais distintos daqueles de origem, preservam vínculos significativos por meio da internet. Além de sustentarem os elos com a terra natal, por meio de interações com amigos e familiares, consumo de notícias e produtos culturais, as mídias online são também de grande serventia para o trajeto migratório e a inserção no local de destino. Esse fenômeno é intensificado pela digitalização da sociedade, em um processo no qual a multiplicação de blogs, sites e, mais



recentemente, páginas e perfis de redes sociais se tornaram essenciais à construção diaspórica, favorecendo novas formas de expressão cultural, mobilização política e interação transcultural (ELHAJJI, 2023). Nesse sentido, pesquisadores assinalam como as tecnologias transformam os fluxos migratórios, as narrativas dos imigrantes, suas práticas interculturais, subjetividades e os impactos psicossociais no ambiente digital (APPADURAI, 1996; ELHAJJI, 2023).

A trajetória do conceito de diáspora digital na literatura acadêmica evidencia um processo contínuo de adaptação às transformações tecnológicas e socioculturais (APPADURAI, 1996). Historicamente, a noção de diáspora no contexto dos fluxos migratórios humanos tem sido amplamente debatida e reformulada, convergindo para a compreensão desse fenômeno como um processo psicossocial complexo que envolve aspectos de subsistência, perseguição, além de fatores políticos, econômicos, étnicos, religiosos, de gênero, sexualidade e motivações subjetivas (ELHAJJI, 2023). Nesse sentido, Stuart Hall (2006) define a experiência diaspórica a partir da diferença:

139

A experiência da diáspora como a entendo aqui é definida, não pela essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma heterogeneidade e diversidade necessárias, por uma concepção de “identidade” que vive com e pela diferença, e não apesar dela, por hibridismo. As identidades da diáspora são aquelas que jamais deixam de se ir produzindo e reproduzindo pela transformação e pela diferença (HALL, 2006, p. 33).

A perspectiva de Hall (2006) é também adotada por Ponzanesi (2020), que entende a diáspora como um fenômeno atravessado pelas tecnologias, cada vez mais enraizadas no cotidiano das comunidades dispersas. Para Appadurai (1996), a diáspora na modernidade passou a incluir não apenas a experiência da distância física, mas também a

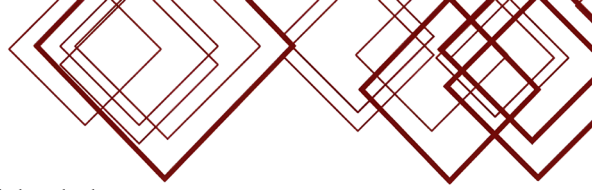


proximidade online, que permite às comunidades migrantes manterem seus laços culturais, linguísticos e sociais originários. Nesse sentido, o autor propõe a ideia de “esferas públicas de diáspora” para definir as esferas de trocas cuja interação transcende os territórios nacionais de origem e destino, por meio da difusão de imagens, textos e sensações midiaticizadas. São, portanto, espaços de compartilhamento de ideias, produção de memória e disputa política dos grupos em deslocamento, em que a própria identificação nacional é constantemente recriada e negociada (Anderson, 2008).

140

Em uma revisão das pesquisas sobre diáspora digital no contexto brasileiro de Ewerton et al. (2024), é traçado um panorama que evidencia o uso das plataformas digitais por migrantes como ferramentas para a produção de conteúdo, ampliando a visibilidade de suas pautas identitárias e abordando temas relevantes para suas comunidades. Neste sentido, os resultados indicam que esses espaços digitais permitem que grupos historicamente marginalizados, como os migrantes, expressem suas vozes, compartilhem experiências e construam narrativas que desafiam representações hegemônicas. Além disso, os autores destacam que, ao recorrerem às redes sociais e outras mídias digitais, os migrantes não apenas reafirmam suas identidades, mas também fomentam debates sobre questões sociais, culturais, econômicas e políticas que os afetam, contribuindo para uma maior conscientização e inclusão social por meio da visibilidade proporcionada pelas plataformas digitais (EWERTON et al., 2024).

A aquisição de influência digital levanta o debate conceitual sobre como denominar os usuários cuja atuação tende a se profissionalizar à medida que ganham notoriedade (PRIMO et al., 2021, p. 9). Influenciadores digitais, produtores de conteúdo, *creators* e etc, são alguns dos termos adotados na academia e no mercado publicitário, ora enfatizan-

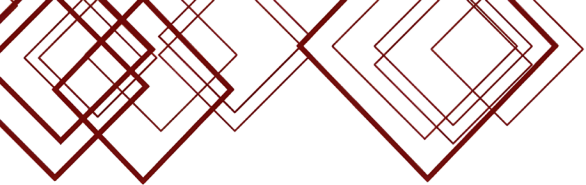


do a dimensão da fama e da celebridade, ora a monetização e precarização do trabalho (DUFFY, 2017, 2020). Neste artigo, consideramos a influência não apenas como um fenômeno do marketing, mas também um terreno de disputa simbólica a partir do qual frequentemente se entrelaçam ativismo e entretenimento, letramento social e preocupações estéticas, tudo isso podendo vir a constituir, sem se limitar, a um negócio. No Brasil, as pesquisas de Ávila (2022) e Lyra (2023), inovam ao apresentar o surgimento de indivíduos migrantes que se apropriam de espaços online como o *Youtube* e o *Instagram* para falar sobre suas experiências e trajetórias de mobilidade.

Em estudo de Cogo (2015), são analisadas diversas iniciativas de uso da internet por parte de migrantes portugueses, haitianos e espanhóis no Brasil, através da criação e ocupação de sites, blogs, redes sociais, etc. A autora demonstra como eles criam estratégias tanto para o enfrentamento dos desafios próprios ao processo migratório, regulamentação de documentos, acesso à informação, controle da mobilidade, etc, quanto para a recriação de experiências vinculadas ao país de origem. É como se a internet exacerbasse o fenômeno já observado por Anderson (2008) ao conceber a nação enquanto “comunidade imaginada”: a importância dos meios de comunicação massivos, à época, impressos; hoje, digitais, na costura de pertencimentos que prescindem do convívio face a face.

Trazendo a discussão da autora sobre como as TICs podem viabilizar uma visibilidade transnacional, mais recentemente adentra aos estudos diaspóricos o conceito de capital social, discutido aqui na perspectiva de Recuero (2012). Segundo a autora, o capital social nas plataformas digitais é pautado na capacidade de monetização de métricas de engajamento nos perfis de redes sociais. Esse conceito surge como uma ferramenta importante para entender como as redes digitais fortalecem



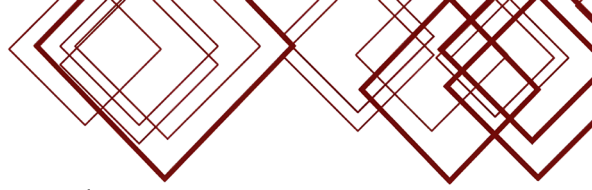


os laços sociais e culturais pautados na capacidade de visibilidade das comunidades diaspóricas na internet, a qual se entrelaça diretamente às suas demandas por reconhecimento e legitimação. Aliado a isso, Brignol (2021) aponta, através de estudo com a comunidade senegalesa no Brasil, como as redes sociais são utilizadas para estabelecer conexões interpessoais e interculturais com seus países de origem, tendo como ponto de convergência imigrantes que atuam como figuras de influência transnacional.

142

Logo, os estudos supracitados demonstram como o rápido desenvolvimento das tecnologias e sua crescente incorporação social fazem com que o campo da diáspora digital continue a se desenvolver, criando novas possibilidades de ocupação e capitalização. Há que se destacar, à vista disso, o duplo papel que as plataformas de redes sociais assumem nesses contextos. De um lado, elas possuem um potencial pluralizante no sentido de terem permitido formas de expressão e participação por parte de sujeitos minorizados a quem historicamente foi negado o direito à fala. Essas possibilidades inauguradas pelas tecnologias surtem efeitos desde o reconhecimento grupal às sociabilidades que passam a ser constituídas on-line. Do outro, a atuação mediada por essas ferramentas revela-se, cada vez mais, um aspecto crucial para a sobrevivência de migrantes que vivem no Brasil e delas dependem como instrumento de trabalho e inserção econômica individualizada (LYRA, 2023).

Em todo caso, ainda que não se possa ignorar que a visibilidade se tornou um recurso inserido na lógica da economia da atenção (ZUBOFF, 2015), não nos parece desprezível observar a constituição de espaços de enunciação e organização comunitária que buscam valorizar as singularidades e questionar as opressões que acometem os migrantes africanos. Antes de prosseguir ao debate sobre como esses enfrentamentos se desenvolvem desde uma perspectiva comunitária, detalhamos, a

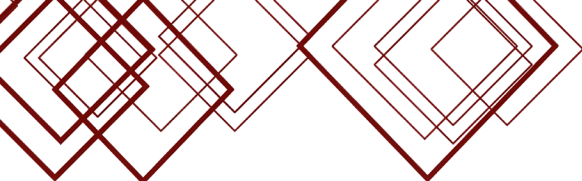


seguir, a metodologia que guiou as análises.

## **Metodologia**

As discussões do presente artigo são fruto de uma pesquisa mais ampla de natureza exploratória e descritiva que visava responder como a mediação algorítmica afetava a visibilidade digital de migrantes africanos em diáspora no Brasil (EWERTON, 2025). A investigação optou por uma abordagem qualitativa interpretativa, centrada na análise dos aspectos semióticos e linguísticos contidos nas falas dos participantes. Buscamos, dessa forma, levantar hipóteses e compreender de maneira ilustrativa as percepções e experiências individuais, explorando construtos humanos e fenômenos psicossociais a partir das narrativas fornecidas (GIL, 2008).

Os instrumentos e procedimentos utilizados iniciaram-se com o método de inserção no campo *snowball* (bola de neve), de acordo com o prisma de Parker et al. (2019). Este método serviu para ampliar os participantes com base na rede dos próprios migrantes, conforme discute Gil (2008), mostrando-se eficaz em estudos qualitativos ao explorar as conexões que cada indivíduo cria com sua comunidade. A pesquisa começou com dois migrantes africanos(as) abordados no Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes do Rio de Janeiro (CRAI-Rio), que, após as entrevistas, indicaram novos participantes. Tais indicações foram filtradas a partir dos seguintes critérios: 1) ser migrante transnacional negro(a) e africano(a); 2) ter 18 anos ou mais; 3) residir no Brasil; 4) residir no país há mais de um ano. Com base neles, chegamos a um total de seis interlocutores, sendo três migrantes auto identificados como cis gênero masculinos e três migrantes cis gênero femininas. Atualmente, a maioria deles(as) reside em estados diferentes



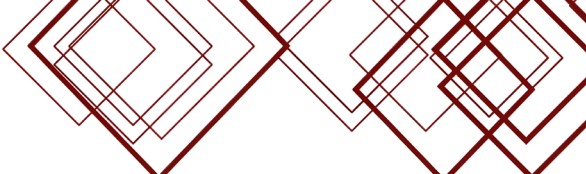
dos que chegaram (Quadro 1).

Vale destacar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob o CAEE: 81317924.7.0000.5582. Assim, com o consentimento dos participantes, foi enviado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, depois, um questionário sociodemográfico on-line. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas via plataforma *Zoom*, sendo posteriormente gravadas e transcritas e apresentando uma duração média de 45 minutos. Tanto o questionário sociodemográfico quanto o roteiro de entrevistas, com um total de onze perguntas, foram fundamentais para categorizar os perfis e explorar percepções acerca dos fenômenos psicossociais em questão, seguindo-se as recomendações de Gil (2008). Após as entrevistas, cada participante escolheu um nome fictício para garantir o anonimato de suas identidades e histórias. Essa escolha buscou refletir uma conexão com figuras proeminentes de seus países de origem em uma perspectiva de reconhecer aquelas que representam para si tal identidade.

144

**QUADRO 1** - Dados sociodemográficos dos participantes da pesquisa.

Variáveis	Participantes da Pesquisa					
	Wole Soyinka	Amílcar Cabral	Aminata Touré	Yvette Umuhuza	Djaima Almeida	David Himbara
<b>Idade</b>	32 anos	35 anos	27 anos	36 anos	30 anos	50 anos
<b>Gênero</b>	Homem cis	Homem cis	Mulher cis	Mulher cis	Mulher cis	Homem cis
<b>Nível Escolar</b>	Pós-Graduação em Economia		Bacharel em Comunicação Social	Bacharel em Marketing	Licenciatura em Letras	Licenciatura em Pedagogia
<b>País de Origem</b>	Nigéria	Guiné-Bissau	Senegal	Ruanda	Cabo Verde	Ruanda
<b>Ocupação e Renda</b>	Pesquisador Três Salários	Pesquisador e Professor Três Salários	Jornalista Três Salários	Empresária Dez Salários	Professora Três salários	Professor Dois Salários

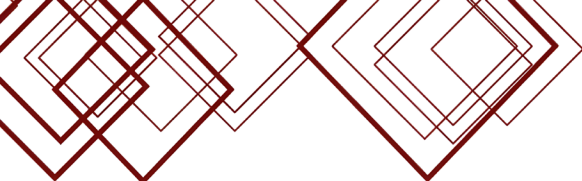


<b>Ano/Motivo da Migração</b>	2012- Intercâmbio Acadêmico	2010 - Intercâmbio Acadêmico	2022 - Intercâmbio Acadêmico	2022 - Trabalho no ramo de Roupas São Paulo, SP-BR	2019- Intercâmbio Acadêmico	2003 - Refúgio
<b>Reside</b>	Curitiba, PR - BR	São Paulo, SP - BR	Salvador, BA- BR	São Paulo, SP-BR	Belo Horizonte, MG-BR	São Paulo-SP, BR
<b>Plataformas e Perfis</b>	Instagram: @temini.official 124 mil seguidores TikTok: @temine.official 29,7 mil seguidores (18/03/2025)	Instagram: @masnevalai 10,5 mil seguidores (18/03/2025)	Instagram	Instagram, TikTok e Facebook	Instagram e TikTok	Instagram e Facebook

Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelo pesquisador.

A análise da renda indica uma variação significativa, com a maioria dos participantes recebendo cerca de três salários mínimos, enquanto uma empresária da moda alcança uma remuneração maior e outra recebe apenas dois salários mínimos. Essas diferenças refletem desigualdades estruturais que impactam o acesso a melhores condições de trabalho, mesmo entre migrantes extremamente qualificados. Além disso, os motivos para a migração são uniformes: a maioria veio ao Brasil por razões acadêmicas.

O uso das plataformas digitais é uma ferramenta central para a construção da visibilidade para esses migrantes, sendo o *Instagram* a rede mais utilizada, seguido por *TikTok* e *Facebook*. Cabe ressaltar que apenas dois migrantes permitiram a divulgação dos seus perfis para esta pesquisa, o que traz questões de como, mesmo atuando no campo da visibilidade digital, é sensível para esses migrantes trazerem relatos que vão na ordem de denúncia e crítica ao país que residem, explicitando a posição do imigrante como alguém em constante vigilância e que, cada



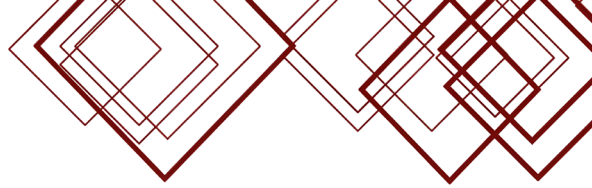
vez mais, sofre com perseguições e hostilidades mundo afora.

146

Do ponto de vista analítico, as entrevistas transcritas foram interpretadas com base na Análise Crítica do Discurso (ACD), conforme proposto por Fairclough (2013). Essa abordagem não se limita ao conteúdo explícito das falas, mas também considera os contextos sociais, históricos e políticos que influenciam e são moldados pelos discursos. Incorporando a perspectiva de Fairclough (2013), o primeiro passo consistiu na transcrição completa das falas dos participantes, incluindo pausas e elementos não verbais relevantes. Em seguida, a análise textual focou na escolha de palavras, estruturas gramaticais e metáforas utilizadas pelos interlocutores, buscando identificar padrões que revelassem suas identidades e posições sociais. O terceiro estágio envolveu a análise das práticas socioculturais, onde as entrevistas são contextualizadas em relação às dinâmicas de poder e ideologias predominantes, considerando o contexto intercultural, político e institucional que moldou as narrativas apresentadas. Na quarta fase, identificamos padrões e contradições nos discursos, observando tanto aqueles que reforçam normas sociais e ideológicas quanto às contradições que podem indicar tensões nas práticas discursivas. Por fim, a interpretação crítica e reflexiva dos resultados se deu à luz das teorias sociais, organizando as falas dos participantes em categorias discursivas que agruparam seus significados.

## **Resultados e discussões**

Seguindo o prisma da ACD de Fairclough (2013), às Categorias agrupam as diferentes temáticas emergentes dos relatos dos participantes, enquanto os Eixos Discursivos detalham as formas como as narrativas foram construídas nos discursos dos entrevistados, conforme apresentado no Quadro 2.



**QUADRO 2** - Análise das Entrevistas seguindo o prisma da ACD de Fairclough (2013).

Categoria	Eixos Discursivos
1 - Atuação nas Plataformas Digitais;	1.1 Compartilhamento de experiências 1.2 Usos comunitários

Fonte: Dados da pesquisa elaborada pelos pesquisadores(as).

Na Categoria 1 - *Atuação nas Plataformas Digitais*, os migrantes africanos(as) demonstram uma atuação significativa nas redes sociais, articulada pelos eixos discursivos 1.1 - *Compartilhamento de experiências*, que destaca a valorização das vivências pessoais e coletivas, acompanhada da denúncia frequente de discriminações e 1.2 - *Usos comunitários*, abordando as estratégias de organização e solidariedade coletivas, tais como parcerias e perfis conjuntos. A seguir, serão apresentados a categoria e os eixos discursivos em tópicos para melhor discussão e compreensão do leitor(a).

147

### 1 - Atuação nas Plataformas Digitais

A categoria reúne narrativas fornecidas pelos(as) participantes da pesquisa quando questionados(as), sobre os motivos que os(as) levaram a atuar nas plataformas digitais, evidenciando um propósito comum entre eles(as): visibilizar a diversidade dos modos de ser africano no Brasil. Ao examinar essas práticas digitais, busca-se compreender as estratégias que esses sujeitos adotam para navegar e contestar estigmas sociais, raciais e linguísticos, contribuindo para uma discussão mais ampla sobre as implicações sociais e políticas da migração contemporânea no contexto do Sul Global. Para além de complexificar os modos de ver os



migrantes e as suas experiências, os participantes Wole Soyinka, Amílcar Cabral e Yvette Umuhoza também demonstraram uma preocupação em informar sobre o continente que eles indiretamente representam, majoritariamente conhecido por suas mazelas.

Comecei a atuar nas redes sociais em 2020, durante a pandemia, com o **objetivo de disseminar a cultura africana e quebrar estereótipos negativos associados ao continente**. Inicialmente, eu e meus colegas da faculdade realizamos palestras e seminários em universidades e escolas públicas desde 2011, abordando diversos aspectos dos países africanos. No entanto, (...) as redes sociais se tornaram uma plataforma crucial para expandir nossa audiência e **promover uma visão mais rica e diversificada da cultura africana**, superando as limitações do espaço físico e aproveitando as oportunidades oferecidas pela visibilidade digital. (Entrevistado Wole Soyinka, migrante da Nigéria).

148

Foi em 2019 que comecei a atuar de forma mais ativa, especialmente em relação às causas que defendo. **Sempre tento falar sobre a nossa causa africana, conectando-a com a história dos nossos irmãos brasileiros** que nasceram aqui. (...) Então, esse é o problema: **acham que estamos aqui para roubar o trabalho dos outros e dizem que devemos voltar para a África** e tudo mais. Foram esses motivos que me fizeram lutar e levantar essa bandeira. Além disso, **há um desconhecimento gigantesco sobre o próprio tema da imigração**. (Entrevistado Amílcar Cabral, migrante de Guiné-Bissau).

A partir do momento em que comecei a trabalhar no comércio de peças africanas, percebi que as redes sociais seriam uma ótima ferramenta para divulgar meu negócio. Comecei a postar fotos e vídeos dos produtos, **compartilhar histórias sobre cada peça e explicar um pouco da cultura por trás delas**. (...) Em geral, gosto de compartilhar fotos e vídeos das peças que vendo, **mostrando não só os produtos, mas também contando as histórias e significados** por trás de cada um deles. (...) Crio conteúdos que falam sobre a cultura africana e **as tradições que elas representam**. (Entrevistada Yvette Umuhoza, migrante de Ruanda).

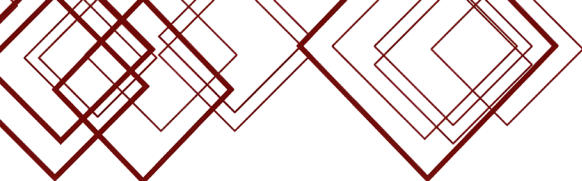


Por suas origens, os migrantes se sentem no dever de divulgar os costumes, hábitos, estéticas e tudo o mais o que compõe o mosaico cultural africano para um público que ignora muitas dessas nuances, combatendo a visão monolítica predominante na mídia tradicional. A informação contextualizada e a quebra de estereótipos aparecem como caminhos para promover uma aproximação entre africanos e brasileiros, revelando o interesse na promoção de um diálogo intercultural. Autores como Elhajji (2023) utilizam o prisma da Comunicação Intercultural para compreender a importância das plataformas digitais na construção de uma identidade coletiva e na reapropriação de narrativas históricas, como um movimento de diáspora digital. A comunicação se apresenta como um meio estratégico de disputa pelos discursos circulantes na sociedade, particularmente aqueles que interferem nas representações dos grupos em deslocamento nos contextos de recepção.

Essa capacidade de transformação social é evidenciada nas pesquisas de Cogo (2019), que argumenta como o ativismo digital pode proporcionar uma nova forma de capital cultural, promovendo a interculturalidade por meio da participação de migrantes nas plataformas. Nesse sentido, a atuação nas redes sociais não só fortalece a comunidade, mas também contribui para a descolonização das narrativas sobre a África, promovendo um espaço de educação. O ambiente digital torna-se, assim, um palco essencial para negociar um pertencimento ao novo território, inclusive ao permitir estabelecer conexões com a história e as lutas dos povos afro-brasileiros, denominados por Amílcar Cabral como “nossos irmãos”. Na prática, Cabral está reconfigurando sua identidade que, embora “enraizada” em experiências culturais coletivas, como destaca Hall (1990), se torna móvel quando atravessada pela diáspora e pelo trânsito transnacional.

As falas de Aminata Touré, Djaima Almeida e David Himbara,





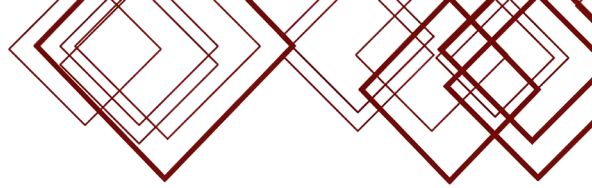
por sua vez, ressaltam tanto a necessidade de se conectar a públicos mais abrangentes, para modificar as visões externadas lançadas sobre si mesmos, quanto de construir vínculos com aqueles que enfrentam situações semelhantes.

A princípio, **foi uma forma de compartilhar minha experiência como imigrante e também falar sobre a minha cultura, que muitas vezes é desconhecida ou mal interpretada aqui no Brasil.** Eu sempre gostei de me comunicar, e as redes sociais me deram um espaço onde pude me expressar livremente, tanto sobre temas pessoais quanto sobre questões que eu achava importantes, como a luta contra o racismo e a xenofobia. (...). **É uma forma de conectar minha vivência como mulher negra e imigrante com um público diverso,** além de ser uma ferramenta poderosa para alcançar mais pessoas **e desconstruir preconceitos.** (Entrevistada Aminata Touré, migrante de Senegal).

No início, era uma maneira de **compartilhar conteúdos relacionados à educação e à cultura africana,** além de dicas de leitura e reflexões sobre questões sociais. Mas, com o tempo, percebi que as redes poderiam ser uma plataforma para **dar visibilidade às minhas vivências como imigrante e mulher negra no Brasil.** Na verdade, **foi uma forma de me expressar, compartilhar minha história e me conectar com outras pessoas que estavam passando por experiências semelhantes.** (Entrevistada Djaima Almeida, migrante de Cabo Verde).

Inicialmente, era uma maneira de me conectar com amigos e familiares que ficaram em Ruanda, mas com o tempo, as redes sociais se tornaram um espaço onde eu podia **falar sobre minhas experiências como migrante negro e gay aqui no Brasil.** Eu percebi que havia muitas pessoas vivendo histórias semelhantes às minhas, mas que não tinham voz ou espaço para falar sobre isso. As redes me deram essa chance de **compartilhar minha perspectiva e, ao mesmo tempo, encontrar uma comunidade.** Foi um jeito de **tentar mudar a narrativa sobre o que significa ser migrante e negro no Brasil, desafiando estereótipos** que são ignorados. (Entrevistado David Himbara, migrante de Ruanda).

As justificativas de Touré, Almeida e Himbara para atuar nas re-

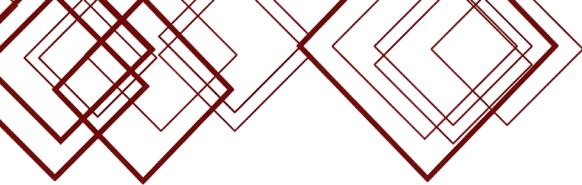


des sociais dão centralidade às noções de experiência e vivência, logo, aos contornos particulares que a migração assume na vida desses sujeitos. A origem nacional se combina aos demarcadores raciais e de gênero, nos casos de Aminata e Djaima, e de raça e sexualidade, para Himbara, como elementos privilegiados em suas formas de enunciação identitária. Essa construção remete à noção de “autoapresentação digital” utilizada por Ávila (2022) para descrever como os migrantes se posicionam em ambientes online, utilizando as redes sociais para moldar uma imagem de si que dialogue com suas experiências e contextos de deslocamento. Ganha destaque, portanto, a dimensão testemunhal das histórias contadas com o objetivo de gerar empatia e reconhecimento. Por meio desses testemunhos digitais, os participantes não só afirmam suas subjetividades, mas também se tornam parte de um movimento maior de construção diaspórica em rede, onde múltiplas histórias de migração se entrecruzam.

151

### 1.1 - Compartilhamento de experiências

A partilha de histórias de vida semelhantes ou, pelo menos, com determinados pontos de convergência, fornece uma das bases para a formação de um senso comunitário entre os produtores de conteúdo de origem africana e entre eles e os seus seguidores. Segundo Appadurai (1996), a importância das mídias digitais reside na capacidade dos migrantes poderem construir novas subjetividades, narrativas e formas de pertencimento. Enquanto Appadurai (1996) enfatiza os fluxos globais que moldam essas experiências, Ávila (2022) foca na performatividade e no testemunho que caracterizam as práticas de autoapresentação dos migrantes online. Juntas, essas abordagens da Comunicação Intercultural ajudam a entender como o referenciamento das “dores e delícias”



que marcam o cotidiano dos participantes abre margem para a elaboração de vínculos e sentidos de pertencimento.

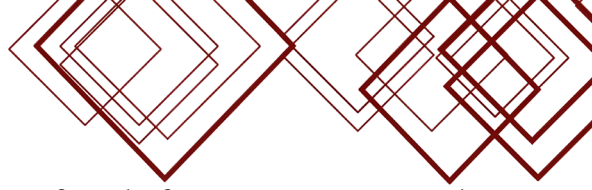
Nas entrevistas de David Himbara e Yvette Umuhoza, estes aspectos se sobressaem como aqueles que ambos qualificam como mais significativos para o público migrante.

Uma das temáticas que surgem com frequência nas minhas interações é a questão da identidade e pertencimento. **Muitos imigrantes, especialmente os negros, compartilham experiências de se sentirem deslocados e invisíveis**, mesmo em uma nova terra que promete oportunidades. É uma conversa que vai além da simples adaptação cultural; **trata-se de encontrar um espaço onde possamos ser aceitos, valorizados e ouvidos.** (...) Muitas vezes, no direct ou grupos de WhatsApp **ficamos conversando sobre como lidar com a discriminação, a saudade da família e as expectativas que temos em relação a nós mesmos. Nesses momentos, é reconfortante mesmo que online ver que não estamos sozinhos** nessa jornada, e isso que me encoraja a seguir. (Entrevistado David Himbara, migrante de Ruanda).

152

**Há uma questão que sempre aparece nas minhas interações com a comunidade de imigrantes: a sensação de pertencimento.** Muitos de nós, ao migrar, acabamos ficando entre dois mundos — o que deixamos para trás e o novo em que estamos tentando nos encaixar. **Quando comecei a usar as redes sociais notei que muitos imigrantes se identificavam com esse sentimento de não pertencimento, essa constante busca por um espaço onde a gente seja aceito pelas suas características.** Por exemplo, aqui no Brasil tem uma coisa da mulher com cabelo afro alisar, de afinar o nariz. É como se você ter características de preta faz você uma mulher menos bonita e as mulheres falam muito comigo no direct sobre isso, a valorização da estética africana. (Entrevistada Yvette, migrante de Ruanda).

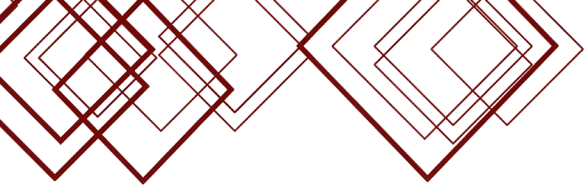
A narrativa de Yvette evidencia como as plataformas digitais se tornam espaços fundamentais para a expressão das experiências migratórias atravessadas pela tensão entre pertencimento e exclusão, aceitação e desencaixe. Isso reverbera na necessidade de encontrar espaços de



escuta e valorização de si mesmos, fazendo frente aos sentimentos de invisibilidade e deslocamento, como evidencia David. Ao afirmar que muitos(as) imigrantes vivem “entre dois mundos”, o de origem e o de destino, Yvette reforça a sensação comum de deslocamento e atravessamento identitário, compartilhado nas interações com os seus seguidores nas redes sociais. Nesse cenário, o sentimento de não pertencimento é ressignificado coletivamente a partir de trocas que criam um senso de comunidade entre migrantes racializados que enfrentam desafios similares, especialmente em relação às pressões de assimilação cultural e estética no Brasil.

A interlocução com mulheres migrantes no espaço do “*direct*” (chat privado) aponta para uma dimensão de intimidade digital onde se compartilham não apenas dores, mas também formas de resistência. A crítica à imposição de padrões estéticos embranquecidos, como o alisamento do cabelo afro e o desejo de afinar o nariz, se entrelaça com a valorização da estética africana como ato político e afirmativo. Nesse sentido, as plataformas digitais operam como lugares de denúncia do racismo estético e, ao mesmo tempo, como dispositivos de construção de autoestima coletiva, especialmente entre mulheres negras e migrantes. A fala de Yvette ilustra como os usos comunitários dessas mídias fortalecem laços identitários e promovem uma contra-narrativa aos ideais hegemônicos de beleza.

O relato de David, por sua vez, também revela como as interações feitas nas publicações das redes sociais podem se desdobrar em outras formas de contato, como o *direct* e os grupos de *Whatsapp*. Essas ferramentas complementam o trabalho discursivo mais amplo de politização e pluralização de vozes africanas ao criar espaços onde é possível debater sobre os preconceitos vivenciados, a saudade e os projetos futuros. A expressão desses anseios cria, ao mesmo tempo, uma identificação



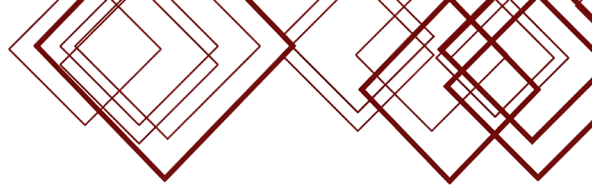
mútua e um elo emocional que se traduzem na sensação reconfortante de que “não estamos sozinhos”. Apesar de envolverem temas espinhosos, o simples ato de narrar e ser ouvido perante a comunidade permite aliviar o sofrimento e seguir em frente, constituindo-se enquanto um espaço de cura.

A esse respeito, a denúncia da discriminação xenorracista e os seus impactos na autoestima dos migrantes africanos foi o tema destacado por Djaima Almeida como aquele de maior impacto na sua atuação.

Uma experiência marcante que eu posso compartilhar foi uma live que organizei sobre as dificuldades de se afirmar como um imigrante negro no Brasil. Durante a conversa, **várias pessoas comentaram sobre como, mesmo tendo qualificações e experiência, sentem que são subestimadas ou colocadas em segundo plano por causa de sua cor de pele e origem.** Esse sentimento de não ser visto como alguém “capaz” ou “adequado” para certas oportunidades. (Entrevistado Djaima Almeida, migrante de Cabo Verde).

154

A experiência de ser subestimado em suas habilidades e visto como inadequado em certos espaços de trabalho unifica aqueles colocados “em segundo plano por causa de sua cor de pele e origem”. O estatuto que os qualifica como minoria, por outro lado, também é aquilo que leva à necessidade de construir pautas conjuntas na diáspora, extrapolando a origem nacional. Isso se materializa na prioridade dada por Djalma às “reflexões sobre identidade, sobre como é ser uma pessoa negra em um país diferente, e também falo bastante sobre racismo e xenofobia, tanto no meu dia a dia quanto no mundo digital”. Ser um migrante negro, independente de qual país africano ele seja proveniente, no caso deste estudo, gera um repertório comum de práticas de exclusão, desvalorização e silenciamento. O que, contudo, é combatido por meio do esforço dos produtores de conteúdo em criar redes de apoio no

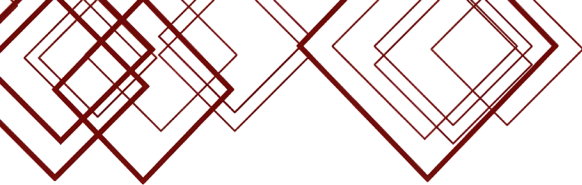


universo online, conforme expressa Aminata.

Era difícil ver que, mesmo colocando energia em vídeos que falavam sobre questões tão importantes, como racismo e xenofobia, as pessoas pareciam ignorar. Essa sensação de invisibilidade foi pesada; me deixava pensando se eu realmente fazia diferença ou se meu trabalho tinha valor. É uma luta interna que muitos de nós enfrentamos, e eu me sentia muito sozinha às vezes. (...) **Comecei a me conectar com outros criadores que compartilham experiências parecidas. Trocar histórias, apoiar uns aos outros e simplesmente saber que não estou sozinha** nessa luta foi um alívio enorme. **Encontrar uma comunidade que entende e valoriza as mesmas coisas me deu força.** (Entrevistada Aminata Touré, migrante de Senegal).

Em sua essência comunitária, a diáspora digital africana se particulariza por ter como centro gravitacional os múltiplos desafios que marcam a vida de seus membros no Brasil. Os relatos dão conta de como o xenorracismo (SIVANANDAN, 1976) molda a inserção dos produtores de conteúdo e de seus seguidores no país, como trata estudo de Ewerton (2025). De um lado, há a subjugação que impacta no âmbito da saúde mental e do bem-estar psicossocial desses sujeitos, fragilizando a autoestima. Do outro, esta mesma experiência de discriminação também é um elo que os aproxima e gera um sentimento de comunhão, motivando o suporte emocional. Mesmo não encontrando a esperada receptividade da sociedade local, percebe-se a busca pela resignificação de suas realidades através da união de forças e da afirmação do orgulho coletivo. Pertencimento e vinculação comunitária que, para fazer frente aos preconceitos transpostos ao ambiente digital, encontram nas relações de colaboração e parceria entre perfis uma estratégia fértil de enfrentamento.

155



## 1.2 Usos comunitários

As discriminações sofridas pelos migrantes africanos, no ambiente digital, se materializam não apenas nos discursos de ódio que os têm como alvo, mas também nas próprias dinâmicas de (in)visibilidade geridas por algoritmos. Segundo Nobre (2018), os algoritmos, enquanto artefatos sociotécnicos, não são neutros: eles reproduzem o poder hegemônico, invisibilizando narrativas dissidentes e reforçando hierarquias. Os algoritmos apresentam, assim, vieses que resultam de preconceitos incorporados aos códigos das máquinas (BURRELL, 2016), afetando significativamente quais conteúdos são priorizados, promovidos ou marginalizados nas plataformas digitais. Considerando que tais infraestruturas são programadas a partir de um montante de dados que refletem realidades históricas, a tendência é a de que discursos discriminatórios sejam favorecidos em detrimento de considerações éticas sobre grupos minorizados.

156

Nesse contexto, as tecnologias são majoritariamente controladas por *Big Techs* do Norte Global, cujos vieses influenciam a construção de identidades, representações e discursos nas plataformas digitais. Essas infraestruturas refletem as visões de mundo das corporações que as programam, articulando regras de funcionamento pretensamente técnicas a classificações raciais de matriz colonial. O conceito de colonialismo digital, proposto por Faustino e Lippold (2015), dá conta de como o colonialismo se reproduz tecnologicamente desde o extrativismo de dados à imposição de valores ocidentais embutidos nas plataformas. Entre os imaginários que se perpetuam, segundo os autores, está a branquitude como padrão de beleza desejável. Em consonância, o estudo de Silva (2020) denuncia como filtros de embelezamento facial no *FaceApp* e no *Instagram* clareiam a pele de pessoas negras, revelando um racismo sutil, mas evidente, que afeta a estética e a subjetividade negra.



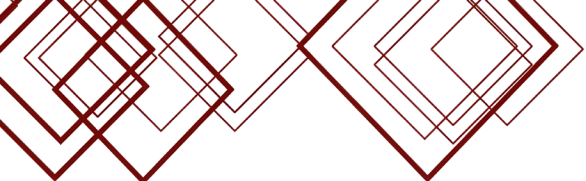
No desenvolvimento da pesquisa com os produtores de conteúdo de origem africana, identificamos que o fenômeno do xenorracismo digital se materializa de múltiplas formas em suas atuações, como o silenciamento e a marginalização digital, o enviesamento na categorização da escrita e o enviesamento estético. O que, contudo, buscamos demonstrar nesta seção são as maneiras pelas quais os migrantes reagem a tais limitações. Isto é, que tipos de estratégias eles lançam mão para driblar os efeitos perversos dos algoritmos no sentido de censurar as suas vozes e formas legítimas de expressão? Guardadas as formas de resistência mais individualizadas, que extrapolam os objetivos deste trabalho, destacamos a seguir como as discriminações que afetam o grupo se tornam, novamente, combustível para a criação de estratégias de organização e solidariedade coletivas. Em especial, as parcerias e a gestão de perfis compartilhados são apontadas como caminhos alternativos nessa construção.

157

Formar parcerias com outros influenciadores e criadores de conteúdo tem sido uma estratégia eficaz. **Colaborar com outros migrantes africanos e influenciadores permite aumentar a visibilidade dos nossos conteúdos e criar uma rede de apoio mútuo.** (Entrevistado Wole Soyinka, migrante da Nigéria).

A estratégia de formar parcerias com outros influenciadores que são também migrantes africanos, mencionada por Soyinka, surge como uma resposta à invisibilidade provocada pelo xenorracismo algorítmico. Em ambientes digitais onde os algoritmos tendem a marginalizar vozes minoritárias, a colaboração com outros criadores torna-se um meio eficaz para aumentar a visibilidade e fortalecer narrativas que resistem à exclusão. Essa tática é destacada em uma pesquisa de Shirky (2010), que aponta como migrantes utilizam plataformas digitais, como grupos do *Facebook* e outros aplicativos, para colaboração e empoderamento





digital, construindo, assim, seu próprio capital social dentro da comunidade migrante. Nesse sentido, a mesma estratégia é adotada pela criadora Djaima Almeida:

Uma das minhas estratégias foi me conectar mais com outras pessoas da minha comunidade online. **Essa parceria com outros influenciadores que têm mais seguidores ajuda a quebrar essa bolha e ter mais engajamento.** Comecei a mudar um pouco a forma como produzo conteúdo. (Entrevistada Djaima Almeida, migrante de Cabo Verde).

158

O relato de Djaima ilustra o movimento diaspórico de busca por apoio entre outros migrantes, destacando a formação de redes de suporte. No caso dos migrantes africanos que enfrentam barreiras digitais e sociais, parcerias com outros criadores de conteúdo, que compartilham histórias e desafios semelhantes, proporcionam um senso de pertencimento e suporte emocional, além de ampliar o alcance de suas vozes. Ao se unirem a outros influenciadores que enfrentam dificuldades comuns, esses migrantes constroem o que Nancy Fraser (2000) descreve como “contra-públicos subalternos”, ou seja, espaços onde grupos marginalizados criam suas próprias narrativas em contraponto às exclusões sistêmicas. Segundo Fraser, esses espaços discursivos permitem que os excluídos da esfera pública tradicional expressem seus interesses e, ao mesmo tempo, criem estratégias de intervenção para serem ouvidos em círculos mais amplos, conforme demonstram nossos interlocutores.

Em um ambiente digital onde algoritmos reforçam desigualdades raciais e hierarquias de visibilidade, as parcerias entre criadores atuam como um meio de reequilibrar essa disputa, tornando as vivências de migrantes africanos mais visíveis e legítimas, como relata Himbara:

Também **criei uma rede de apoio com outros influenciado-**



**res que compartilham experiências semelhantes**, a gente fez mais publicações de parcerias para ter maior alcance. Outra estratégia que adotei foi diversificar o conteúdo que produzo. Procuro abordar questões de identidade de maneiras diferentes, como por meio de *reels* mais curtos. Aprendi a não desanimar com as baixas visualizações e a entender que cada interação conta. (Entrevistado David Himbara, migrante de Ruanda).

A dinâmica descrita por David Himbara, essa configuração evidencia a construção de espaços de criação de conteúdo comunitário, nos quais diferentes migrantes colaboram na produção de materiais sobre temas variados, com foco na identidade de migrantes africanos(as) no Brasil. A formação dessas redes representa, essencialmente, uma forma de resistência ativa, que utiliza a própria estrutura das plataformas digitais para criar espaços de acolhimento e reconhecimento.

Essas estratégias colaborativas também representam uma forma de contestação direta ao que Ahmed (2012) chama de “políticas da visibilidade”, ou seja, o uso do poder de ser visto e reconhecido dentro de uma comunidade para desafiar uma sociedade em que este recurso, tal qual a legitimidade, é desigualmente distribuído. Dessa forma, mesmo diante da limitação imposta pelo xenorracismo algorítmico, a essência da diáspora manifesta-se por meio da união comunitária on-line.

159

### **Considerações finais**

Este trabalho teve como objetivo compreender os sentidos comunitários atribuídos por um grupo de migrantes africanos(as), atuantes como produtores(as) de conteúdo no Brasil, aos usos que fazem de seus perfis nas redes sociais. Nos resultados, o primeiro eixo discursivo, centrado no compartilhamento de experiências e denúncias de discriminações, observou-se que as redes sociais são ressignificadas como es-



paços de empoderamento digital, nos quais os participantes relatam vivências marcadas pelo xenorracismo, mas também por reconhecimento e escuta mútua. Já no segundo eixo, relacionado aos usos comunitários, as colaborações entre criadores(as) marginalizados(as) despontam como práticas de fortalecimento coletivo e enraizamento cultural, contribuindo para a criação de redes de apoio, pertencimento transnacional e valorização identitária.

Acerca disto, para os(as) migrantes africanos(as), essas plataformas funcionam simultaneamente como suporte emocional e arena de resistência cultural, oferecendo alternativas ao isolamento e à invisibilidade frequentemente impostas por mecanismos de discriminação algorítmica. Nesse sentido, as parcerias estabelecidas com outros criadores(as) não visam apenas ampliar a visibilidade digital, mas integram uma luta mais ampla contra estruturas opressoras, então combatidas por meio da solidariedade e do associativismo comunitário.

160

Reconhecendo suas limitações metodológicas, especialmente quanto ao número reduzido de participantes e ao recorte sociodemográfico específico, este estudo sugere a realização de futuras pesquisas com amostragens mais amplas e diversas. Assim, esta pesquisa contribui, no entendimento que pode dar subsídios a pesquisadores(as) e na elaboração de políticas públicas a comunidades de migrantes, sobre os usos e modos de habitar e disputar o digital por sujeitos historicamente subalternizados. Portanto, a diáspora como um fenômeno psicossocial dinâmico, no qual no contemporâneo as plataformas digitais potencializam criação de uma rede de apoio e troca intercultural entre migrantes, possibilitam uma nova reorganização comunitária da diáspora agora no meio digital.



**Agradecimentos:** Esta pesquisa foi realizada com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

### **Referências:**

AHMED, S. **On Being Included:** Racism and Diversity in Institutional Life. Durham: Duke University Press, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9780822395324>. Acesso em: 07 out. 2024.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APPADURAI, A. **Modernity at large:** Cultural dimensions of globalization. Minnesota: University of Minnesota Press, 1996.

161

ÁVILA, O. Webdiáspora e a Decisão de Migrar: Relatos Haitianos no Brasil. **Espaço Aberto**, v. 9, n. 1, p. 43-59, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7879930>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ÁVILA, O. Autoapresentação, performatividade e testemunho na internet: A webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses\\_dissertacoes\\_interna.php?tease=23](http://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=23). Acesso em: 23 jun. 2022.

BRASIL. **Senado Federal. PL 2338/2023.** Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/157233>. Acesso em: 21 abr. 2023.

BRIGNOL, L. D. Techniques and Migrant Identities in the Social Uses



of the Media: An Approach to the Senegalese Diaspora in Southern Brazil. **Dados rev. ciênc. sociais**, v. 64, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/dados.2021.64.2.233>. Acesso em: 13 jul. 2023.

BURRELL, J. How the Machine ‘Thinks’: Understanding Opacity in Machine Learning Algorithms. **Big Data & Society**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2053951715622512>. Acesso em: 10 jul. 2024.

COGO, D. Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. **Novos Olhares**, v. 4, n. 1, p. 91-104, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2015.102224>. Acesso em: 13 jul. 2023.

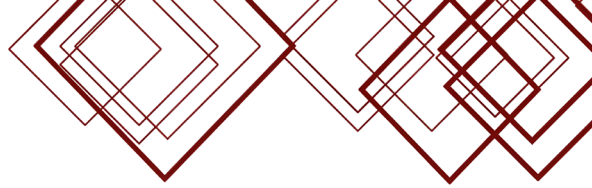
162

COGO, D. Communication, migrant activism and counter-hegemonic narratives of Haitian diaspora in Brazil. **Journal of Alternative & Community Media**, v. 4, n. 3, p. 71-85, 2019. DOI: [https://doi.org/10.1386/joacm\\_00059\\_1](https://doi.org/10.1386/joacm_00059_1). Acesso em: 17 fev. 2024.

CHADE, Jamil. ONU: imigrante vive xenofobia no Brasil e desmonta mito de país acolhedor. UOL, 28 jun. 2022 [04h00]. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamilchade/2022/06/28/onu-estrangeiro-vive-xenofobia-no-brasil-e-desmonta-mito-de-paisacolhedor.htm-media/>. Acesso em: 16 ago. 2023

CRENSHAW, K. Race, gender, and sexual harassment. s. Cal. l. **Rev. Hein Online**, v. 65, p. 1467, 1991. Disponível em: <https://heinonline.org/HOL/LandingPage?handle=hein.journals/scal65&div=70&id=&page=>. Acesso em: 15 mar. 2024. Acesso em: 16.feb.2024.

DUFFY, B. **(Not) getting paid to do what you love**: Gender, social



- media, and aspirational work. New Haven: Yale University Press, 2017.
- DUFFY, B. Algorithmic precarity in cultural work. **Communication and the Public**, v. 5, n. 3-4, p. 103-107, 2020.
- ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. **Observatório, Palmas**, v. 2, n. 5, p. 334-363, set./dez. 2016
- ELHAJJI, M. **O Intercultural Migrante: Teorias & Análises**. Porto Alegre: Editora Fi. Disponível em: <https://doi.org/10.22350/9786559176830>. Acesso em: 20 out. 2023.
- EWERTON, B.; VILLALÓN, C.; ELHAJJI, M. Diáspora nas plataformas digitais no Brasil: pesquisas sobre TIC's e migrações. **Lumina**, v. 18, n. 1, p. 128-145, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2024.v18.42910>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- EWERTON, B. **Diáspora Digital e Visibilidade: Afetações do Xenoracismo Algorítmico para Migrantes Africanos(as)**, 2024. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://minerva.ufrj.br> Acesso em: 10 set. 2025.
- FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis: The critical study of language**. London: Routledge, 2013.
- FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- FRASER, N. Rethinking recognition. **New left review**, v. 3, p. 107, 2000. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/dc128bd9c0ce00f0938e02614e60397f/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1819646>. Acesso em: 14 out. 2024.



GIL, A. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Barueri: Editora Atlas SA, 2008.

HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, v. 34, p. 21-35, 2006. Disponível em: [journals.ucp.pt](http://journals.ucp.pt). Acesso em: 30 ago. 2023.

LYRA, J. **Ser migrante, tornar-se influencer**: visibilidade, inspiração e estratégias de pertencimento da migração venezuelana no Brasil. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49580>. Acesso em 27 ago. 2023.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS (OB-Migra). **Relatório Anual de Migrações Internacionais 2022**: Perfil dos migrantes no Brasil e inserção socioeconômica. Ministério da Justiça e Segurança Pública, Brasília, 2022. Disponível em: <http://obmigra.mj.gov.br>. Acesso em: 07 out. 2024.

164

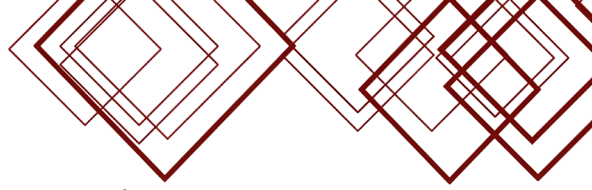
NOBLE, S. **Algorithms of Oppression**: How Search Engines Reinforce Racism. New York: NYU Press, 2018.

PARKER, C.; SCOTT, S.; GEDDES, A. **Snowball sampling**. SAGE research methods foundations, 2019.

PONZANESI, S. Digital diasporas: Postcoloniality, media and affect. **Interventions**, v. 22, n. 8, p. 977-993, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2020.1718537>. Acesso em: 07 set. 2023.

PRIMO, A.; MATOS, L.; MONTEIRO, M. **Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais**. Salvador: Edufba, 2021.

RECUERO, R. O Capital Social em Rede: Como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, p. 597-617, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/contempo>



[ranea.v10i3.6295](#). Acesso em: 20 abr. 2023.

- SHIRKY, C. **Cognitive Surplus**: Creativity and Generosity in a Connected Age. New York: Penguin Press, 2010.
- SIVANANDAN, A. Race, class and the state: the black experience in Britain: For Wesley Dick—poet and prisoner in some answer to his questions. **Race & Class**, v. 17, n. 4, p. 347-368, 1976. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030639687601700401>. Acesso em: 20 out. 2023.
- SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: Microagressões e Discriminação em Código. In: **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos**, v. 3, n. 3, p. 121-135, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity**: A critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism**. In: **Social Theory Re-Wired**. Abingdon: Routledge, 2023.